

Editorial Revista Espinhaço

Douglas Sathler *

* Graduado em Geografia (UFMG). Doutor em Demografia (UFMG). Professor da UFVJM. Editor da Revista Espinhaço.

No final dos anos 1990, eu tinha um sonho: estudar numa instituição federal de ensino. No caso, na UFMG. No ambiente do cursinho, estudantes batalhavam sete dias por semana almejando a sonhada matrícula. Naquele tempo, as vagas eram restritas, existiam poucas oportunidades transformadoras e ninguém queria ficar de fora. Parecia existir um consenso interessante: **a universidade pública era parte do Brasil que dava certo**. Nos últimos 20 anos, quantos avanços importantes vivenciamos nas universidades públicas. Podemos citar a ampliação de vagas, a expansão para lugares distantes dos grandes centros e o aumento do acesso por parte dos estudantes de escolas públicas. Em pesquisa recente, descobrimos que 80% dos estudantes da UFVJM, universidade localizada numa das regiões mais carentes do país, o Vale do Jequitinhonha, vieram das escolas públicas.

No entanto, apesar dessas informações animadoras, os últimos anos têm sido difíceis para o ensino superior no Brasil. **No discurso geral, a universidade pública virou “o problema” do país**, ao invés de instrumento para a promoção do desenvolvimento e da inclusão social. Os professores são desprestigiados dia após dia, o ambiente de trabalho tem sido deteriorado, as instituições de fomento à pesquisa e inovação estão quebradas e a assistência estudantil não é suficiente. Nesse contexto, as jovens universidades menos consolidadas, sofrem consequências ainda mais perversas, sobretudo àquelas que possuem lideranças com pauta dissonante dos anseios da comunidade acadêmica. Projetos como a Revista Espinhaço, que prezam pela promoção da ciência e pela elaboração de trabalhos com impacto regional, me parecem um alento.

Como sobreviver a esse caos? No meu ponto de vista, um dos possíveis diagnósticos é geográfico: crise de escala. É isso mesmo! Estamos vivendo uma crise de escala. Despejamos toda a nossa energia e saúde em problemas nacionais e prestamos pouca atenção no universo de possibilidades que existem em nosso entorno. Somos distraídos e consumidos com notícias de todo o tipo sobre o que acontece em Brasília, muitas delas ultrapassando as fronteiras do absurdo. Reorientar nossa atenção profissional e equilibrar o nosso espírito cidadão são fundamentais para a nossa saúde mental. Vigilantes sempre! Alienados aos problemas das nossas comunidades, jamais!

Nesse espírito, a Revista Espinhaço caminha para o seu 15º volume, trazendo, como de costume, seis artigos inéditos, uma entrevista especial e uma resenha. O primeiro artigo, assinado por Matheus Kuchenbecker, traz uma descrição muito didática sobre os processos geológicos por trás dos sítios arqueológicos do Espinhaço Meridional. Trata-se de uma ótima oportunidade para conhecer, de forma simples e descomplicada, a geologia dessa rica região.

O segundo texto inédito, de autoria de Marcelo Fagundes, Marcia Suner, Bernardo Gontijo, Alessandra Vasconcelos, Flavia Brasil e Luis Fernando Mafra, apresenta uma discussão sobre os marcos sociogeográficos, lugares e paisagens que permeiam as estruturas geológicas de Cerro Ventarrón, no Perú. Este texto, assim como tantos outros, demonstra que a Revista Espinhaço, preservando sua essência regional, é capaz de dialogar com o mundo. Afinal de contas, o conhecimento científico é universal.

O terceiro texto, de autoria de Flávio Carsalade, Diomira Faria, Frederico Marinho, Larissa Pardini e Gracia Babutanga, oferece um conjunto de reflexões sobre as apropriações sociais do patrimônio cultural, introduzindo de maneira acertada, a ideia de direito à cidade para discutir questões relacionadas a exclusão e a inclusão nos espaços urbanos.

O quarto texto, escrito por Marcos Antônio Nunes, Ricardo Alexandrino Garcia e Carlos Lobo trazem uma avaliação da dinâmica social dos municípios mineiros criados após constituinte de 1988. Os autores exploram os dados organizados pela Fundação João Pinheiro para a construção do Índice Mineiro de Responsabilidade Social, o IMRS. Nos municípios avaliados, os ganhos nas variáveis sociais, com destaque para a saúde, representaram os maiores incrementos no índice.

O quinto artigo, de autoria de Hélio Júnior, Frederico Lopes e Diego Macedo apresenta um diagnóstico multitemporal do uso e cobertura da terra e da qualidade das águas na bacia do rio Jequitinhonha, em Minas Gerais. O trabalho traz um importante subsídio à gestão dos recursos hídricos nesta importante bacia.

O sexto artigo, escrito por João Francisco Meira, oferece um resgate geo-histórico fantástico sobre a cultura da produção de vinho em Diamantina. O texto é fruto de uma pesquisa minuciosa, apresentando a vitivinicultura como uma alternativa ao desenvolvimento do enoturismo na região do Alto Jequitinhonha.

Ainda, apresentamos uma entrevista exclusiva com a Profa. Danielle Piuzana, responsável pelo projeto GAIA, vinculado ao curso de geografia da UFVJM. Nessa entrevista, a professora apresenta um universo de perspectivas para a promoção de práticas pedagógicas mais inclusivas e para a divulgação científica. Ainda, o volume traz uma resenha, escrita pelos estudantes que cursam Metodologia Científica no curso de geografia da UFVJM, sobre o livro “Ensino de Geografia – práticas e textualizações no cotidiano”, de Castrogiovani, Callai e Kaercher (2014).

Se 2019 foi um ano difícil para todos nós que somos e vivemos a universidade, espero que 2020 traga bons ventos.

Desejo ótima leitura!!!